



## UM ESTUDO DA CULTURA E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS ESCOLARES A PARTIR DA SEMIÓTICA

KAUFMANN, Carine<sup>1</sup>  
BATTESTIN, Cláudia<sup>2</sup>  
CORÁ, Janaina<sup>3</sup>

### Resumo

A escrita deste artigo consiste em apresentar a possibilidade de trabalhar com uma teoria semiótica no estudo da cultura e nas práticas educativas escolares. Objetivou-se analisar, se a cultura e a educação, por serem fenômenos de significações e produção de sentido, fornecem elementos para serem analisadas através dessa ciência e dos seus meios de representação. A pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, está fundamentada principalmente em conceitos propostos por Charles Sandes Peirce e Ferdinand de Saussure. A intenção é possibilitar esclarecimentos sobre alguns conceitos básicos e específicos que envolvem essa ciência, bem como, indagar novos pesquisadores e educadores a pensarem a cultura e a educação pelas lentes semióticas.

**Palavras-chave:** Semiótica. Educação. Cultura.

### Abstract

The writing of this article consists of presenting the possibility of working with a semiotic theory in the study of culture and in school educational practices. The aim was to analyze if culture and education, as phenomena of signification and meaning production, provide elements to be analyzed through this science and its means of representation. The exploratory research, based on bibliography, is based mainly on concepts proposed by Charles Sandes Peirce and Ferdinand de Saussure. The intention is to enable clarification on some basic and specific concepts that involve this science, as well as to ask new researchers and educators to think about culture and education through semiotic lenses.

**Keywords:** Semiotics. Education. Culture.

### Resumen

La escritura de este artículo consiste en presentar la posibilidad de trabajar con una teoría semiótica en el estudio de la cultura y en las prácticas educativas escolares. Se ha estudiado, si la cultura y la educación, por ser fenómenos de significaciones y producción de sentido, elementos para ser analizados a través de esa ciencia y de sus medios de representación. La investigación exploratoria, de cunho bibliográfico, está fundamentada principalmente en conceptos propuestos por Charles Sandes Peirce y Ferdinand de Saussure. La intención es possibilitar aclaraciones sobre algunos conceptos básicos y específicos que involucran esa ciencia, así como, indagar nuevos investigadores y educadores a pensar la cultura y la educación por las lentes semióticas.

**Palabras clave:** Semiótica. Educación. Cultura.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). Especialista em Metodologia do Ensino da Arte pela Faculdade São Luiz (Jaboticabal - São Paulo). Graduada em Artes Visuais pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Integrante do Grupo de pesquisa, Desigualdades sociais, diversidades socioculturais e práticas educativas (Unochapecó). Atuou na Educação Básica da rede municipal, estadual e na Educação Especial como professora da disciplina de Artes. Atualmente trabalha como docente na Escola Especial. E-mail: carikaufmann@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Educação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação na Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. E-mail: battestin@unochapeco.edu.br.

<sup>3</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Comunitária da região de Chapecó - Unochapecó. Especialização em Ensino da Arte: Perspectivas Contemporâneas pela Unochapecó. Graduada em Educação Artística, licenciatura plena com habilitação em Artes Plásticas pela Unoesc. Atua como professora de Artes da rede pública estadual de educação do Estado de Santa Catarina. Faz parte do grupo de Pesquisa Desigualdades Sociais, Diversidades Socioculturais e Práticas Educativas. Email: janainacora@unochapeco.edu.br



## Introduzindo a temática

Tendo em vista que a semiótica é uma ciência transdisciplinar voltada ao estudo dos signos e das condições de apreensão e de produção de sentidos; propomos decifrar significativamente o mundo dos signos, sejam eles ideias, pensamentos, sentimentos, coisas materiais ou ficcionais. Se entendermos que a cultura e a educação são conjugações de sistemas de signos e fenômenos de interação com o mundo e, que se apropriam de signos e de linguagem para instaurar uma leitura da realidade, não podemos negar a possibilidade de criar aproximações e construir novas perspectivas pautadas nessas áreas, de modo que favoreça o diálogo entre manifestações culturais, práticas educativas e conceitos semióticos. Essa possibilidade não só se torna necessária, como também possível, se analisarmos as estruturas que emergem no nosso tempo.

Portanto, apoiada nas teorizações colhidas para a construção desse texto, a primeira questão é evidenciar algumas considerações esclarecedoras fundamentadas em conceitos propostos pelos autores Charles Sandes Peirce e Ferdinand de Saussure. Inicialmente, pensamos no panorama quanto aos termos específicos dessa ciência, para não incorrer no erro de fazer uso impreciso e incoerente dos conceitos que a envolvem. Na sequência, as contribuições da semiótica para os estudos culturais, buscando compreender a possibilidade de se criar um diálogo entre a cultura e semiótica. Essa construção servirá para estabelecer ligações e aproximações entre temas que partilham noções em comuns, além de ajudar a situar o leitor nos principais elementos que compõe essa ciência. Na medida em que se avança na análise, traz-se algumas inferências sobre a possibilidade de se trabalhar com uma teoria semiótica no campo educacional. A problemática que fica é: Em que medida, uma teoria semiótica é uma ferramenta possível para a educação? Como os professores poderiam criar uma apropriação semiótica relacionando a realidade sógnica com as práticas escolares?

Enfim, as argumentações que seguem, por hora não passíveis de comprovação, tem o caráter de um primeiro ensaio. Como resultado da proposta, sem intenção de esgotar todos os estudos e abordagens históricas e conceituais, **RCC, Juara/MT/Brasil, v. 5, n. 1, p. 7-21, maio/ago. 2019, ISSN: 2525-670X** **8**



espera-se que o trabalho acarrete esclarecimentos sobre alguns conceitos básicos e específicos que envolvem essa ciência chamada semiótica, bem como indague novos pesquisadores e educadores a pensarem a cultura e a educação a partir dessas lentes.

## Aclarando conceitos

A semiótica é uma ciência relativamente nova. Numa primeira definição, podemos dizer que a semiótica é a ciência geral dos signos e da semiose, que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem sistemas sígnicos, isto é, sistemas de significação. Nas palavras de Greimas e Courtés, a semiótica se apresenta como uma teoria de significação. “Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do sentido” (1979, p. 415). Ou seja, que tem por objeto de investigação, todo e qualquer fenômeno como fenômeno de significação e produção de sentido.

Vamos encontrar também algumas definições em Nöth e Santaella, que asseguram que a semiótica “estuda as formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos” (2017, p. 7). Os autores prosseguem afirmando que a semiótica “[...] é uma ciência transdisciplinar com um ramo teórico aplicado, voltados ao estudo dos signos e suas aplicações nos diversos domínios da natureza e da cultura” (2017, p. 31). Em outras palavras, seria o estudo dos signos e como estes se relacionam com o ambiente natural, social, cultural e educacional.

O termo semiótica irrompeu com o nome do americano Charles Sanders Peirce, considerado o fundador da moderna semiótica baseada em princípios fenomenológicos, lógicos e cognitivos. Ele busca na lógica uma fundamentação para o conhecimento das coisas. O suíço Ferdinand de Saussure também é considerado como sendo um dos fundadores da semiótica moderna, mas com fundamentos mais voltados para a linguística geral, o que o distingue, nos seus fundamentos e na sua abordagem, do estudo dos signos e da semiótica Peirciana. Mesmo que nenhum desses autores tenha publicado suas teorias de forma completa em vida, ambos



trouxeram considerações relevantes para a sociedade e para o mundo em geral. Atualmente existe um grande esforço para completar e desenvolver as teorias desses dois semiotistas.

A semiótica tem como alicerce a fenomenologia, aquela ciência preocupada com as experiências e como estas se manifestam na consciência. De acordo com Hessen (2003, p. 26), “a fenomenologia tem a capacidade unicamente de trazer a luz a fatualidade da concepção natural, jamais decidir a respeito de seu direito, de sua verdade”. Seria basicamente uma ciência que se ocupa da investigação dos modos de apreensão das coisas e como estas se apresentam a nós, sem qualquer julgamento a priori, para, a partir dessa investigação, verificar quais são suas formas ou propriedades.

Fenômenos e signos estão intimamente relacionados. Uma peça teatral, um espetáculo de dança, uma obra de arte por exemplo são fenômenos. Se, no contato com esses fenômenos, somos afetados por eles, de tal modo que produzam algum sentimento e uma sensação em nós, pode-se considerá-los como signos. Do mesmo modo ocorre com a educação. Toda atividade e prática pedagógica que se apresenta como fenômeno, é aprendida com muito mais facilidade se essa prática provoca ou provocou algum sentimento no estudante, ou seja, quando este se deixou afetar, seja estas quais forem as mais diversas razões. Conseqüentemente, se o aluno se deixou afetar por determinada prática proposta pelo professor, essa prática é também considerada um signo.

Para Peirce, todo fenômeno é possível de ser analisado segundo três categoriais lógicas por ele denominadas de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Essas categorias se referem a aspectos presentes nos fenômenos, ou seja, aos três modos como os fenômenos aparecem na nossa consciência. Vejamos então, nas considerações que se seguem, os principais conceitos a luz desse autor:

Primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a qualquer outra coisa. Secundidade é o modo de ser daquilo que é tal como é, com respeito a um segundo, mas independentemente de qualquer terceiro. Terceiridade é o modo daquilo que é tal como é, colocando em relação recíproca um segundo e um terceiro (PEIRCE, 1993, p. 136).



Na primeiridade estariam portanto, as qualidades de sentimento sem reflexão, da liberdade, do acaso, do imediato. São os fenômenos da ordem da surpresa, da espontaneidade e originalidade. A ideia típica de secundidade seria basicamente a ação e a reação dos fatos concretos, existentes e reais. É a categoria dos fatos no seu aqui e agora. Já a terceiridade é a categoria que diz respeito ao crescimento contínuo e devir, sempre possível, pela aquisição de novos hábitos. É a categoria da continuidade e da mediação de um terceiro entre um primeiro e um segundo. Peirce complementa seu pensamento e ordena que um signo cuja característica é de terceiridade pode incluir um signo cuja característica é de primeiridade ou secundidade, e um signo da secundidade pode incluir um signo da primeiridade, mas não vice-versa.

Concebe-se assim, a semiótica como uma ciência que tem como alicerce a fenomenologia e que estuda a vida dos signos no seio da vida natural, social e cultural. Quando interagimos com o mundo, conhecemos parcialmente as coisas por intermédio dos signos, ou seja, de imagens que construímos desses objetos percebidos. Muito embora diversos sejam os significados de signo, tomemos como fundamento uma das várias definições de signo enunciadas por Peirce. Signo seria para esse autor, “algo que representa algo para alguém, sob algum prisma” (1993, p. 26). Sobre essa definição, Nöth e Santaella (2017, p. 9) assinalam que:

Evidentemente, “estar no lugar de” não quer dizer que o signo substitui completamente o objeto ao qual ele se refere. Pelo contrário, o signo nunca pode estar, de fato, no lugar do objeto, seja este presente ou ausente. Nem a palavra pato, nem a imagem dele podem substituir um pato real. O pato real pode nadar e voar, a palavra não. Na definição do signo acima, “estar pôr ou para” significa representar. Podemos, portanto, concluir, com Peirce, numa primeira definição provisória e parcial do signo: Para que alguma coisa deva ser um signo, ela deve representar por assim dizer, alguma outra coisa, chamada seu objeto.

Entende-se assim, pelo fato do signo não substituir e nem complementar o objeto ao qual ele se refere, que este apenas representa ou indica o seu objeto. Conforme os referidos autores, o objeto de um signo não é necessariamente um objeto material, existente e palpável, como um pato, por exemplo. Ele também pode



ser uma ideia, um pensamento. Para compreender melhor este raciocínio, Nöth e Santaella (2017, p. 11) trazem o seguinte exemplo:

Os signos verbais amor ou unicórnio também representam objetos. O primeiro representa experiências humanas, que todos nós devemos conhecer, o segundo representa um objeto de um mundo ficcional, que não existe no universo das “coisas” existentes, mas num outro universo, o universo das ficções da pintura, das esculturas e das obras literária.

Ou seja, o signo é um sinal, uma marca que está no lugar de outra coisa, que pode ser um objeto concreto, um conceito ligado a um objeto concreto, como também pode ser um conceito abstrato. Em outra linguagem poderíamos dizer que o signo não é uma presença, a “coisa” não está presente no signo. De tal modo, não podemos acessar o real diretamente, mas por meio das representações. Parafraseando Silva (2014), as representações estariam no lugar de outra, no intuito de se buscar formas mais apropriadas de tornar o real presente e de apreendê-lo o mais fielmente possível por meio de sistemas de significação. É por meio da representação que, por assim dizer, as “coisas” passam a existir, podendo se expressar na dimensão externa, por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um texto, ou pode se expressar na dimensão interna ou mental, pela representação do “real” na consciência. Tomando como base agora a educação, pode-se se dizer que os alunos, quase que ininterruptamente, estão em contato com representações, ou criam suas próprias representações na consciência, seja no ato de escrever um texto ou de recitar uma poesia na disciplina de Português, moldar uma escultura tridimensional na disciplina de Arte, ou ainda realizar uma experiência científica em um laboratório de química. Tudo isso é a representação do real na consciência do educando.

Assim sendo, qualquer coisa pode vir a ser um signo. O pensamento é um signo, as ideias, os sentimentos, a natureza, as coisa materiais. O nosso cotidiano é permeado de signos, a tal ponto que basicamente tudo que conhecemos é um signo. “Sem os signos, o mundo seria, portanto, sem forma para nós. O mundo em si não é, pois não possui estruturas semióticas. Ele não tem signos. Só as culturas, por meio dos seus sistemas semióticos, possibilitam o nosso pensamento” (NÖTH,



SANTAELLA, 2017, p. 99). Não podemos alcançar a realidade sem conhecer os signos, pois somente conseguimos acessar algo da realidade, como quente, frio, Deus, amor, etc., mediatizado pelo signo. É pelo signo e no signo que é possível ler a realidade. Bandeiras por exemplo, são signos de países, estados, municípios, porém, “é verdade que bandeiras são coisas também, mas o fato de que elas são coisas não é essencial. É possível destruir uma bandeira do Brasil, mas a destruição desse objeto não destrói o signo da bandeira brasileira” (NÖTH, SANTAELLA, 2017, p. 21). Igualmente, no momento em que apagamos uma palavra escrita sobre uma folha de papel, não a estamos destruindo. Ela permanece viva na mente das pessoas que a utilizam, mesmo que ele não esteja presente. A cruz que representa o Cristianismo é outro exemplo. A cruz é um signo social que revela a espiritualidade do ser humano, mas a sua destruição não destruirá a fé dos cristãos.

Todo o signo passa necessariamente por uma relação triádica que envolve o signo mesmo, o objeto e o interpretante. Nesse processo, o signo é o mediador entre o objeto que ele representa e o interpretante, que ele evoca. Ele representa alguma coisa, o seu objeto e assim produz um efeito na mente de um interprete, efeito que Peirce chama de interpretante do signo.

Um signo ou *representamen* é algo que, num certo aspecto ou capacidade, está para alguém em lugar de algo. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente ou talvez um signo mais desenvolvido. Chamo este signo que ele cria o interpretante do primeiro signo. O signo está no lugar de algo, seu objeto. Está no lugar desse objeto não em todos os seus aspectos, mas apenas como referência a uma espécie de ideia (NÖTH, SANTAELLA, 2017, p. 39).

O que se descreve aqui é mais um processo de semiose que envolve a tríade Peirciana. O estabelecimento dessa relação de representação entre o signo e seu objeto, por intermédio do interpretante caracteriza a semiose, o processo de produção do signo propriamente dito. Desse modo, qualquer coisa pode vir a ser um signo, desde que se estabeleça a relação entre esses três elementos inseparáveis e interconectados que formam a estrutura complexa do signo.

Merece um enfoque especial, o fato de que estudar signos só é possível por meio de um sistema de signos que exclusivamente os homens tem desenvolvido, ou



seja, a língua falada. A semiótica só é possível por meio da linguagem verbal, embora a língua falada não se caracterize como a única forma de linguagem possível, sendo concebível também o estudo de todos os outros tipos de signos não verbais. Pelo enfoque do curso de Linguística Geral de Saussure (2004), a linguística é constituída por todas as manifestações possíveis da linguagem humana, incluindo as formas de expressão não verbais.

Os autores Nöth e Santaella (2017) destacam, que em meio a uma infinidade de signos a serem estudados pela semiologia, a linguagem verbal é o principal desse sistema, contudo, tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não verbal expressam sentidos e ambas são consideradas sistemas de signos usados para comunicação. A diferença entre as linguagens verbais e as não verbais é a sua manifestação. Enquanto a comunicação verbal se realiza através da língua, que pode ser oral ou escrita, a não-verbal se manifesta por imagens, números e pelas expressões do corpo humano, como gestos, olhares, um aceno de mão, etc. O próprio indivíduo social é mediado constantemente por uma teia plural de linguagens que também se constituem como formas sociais de comunicação e de significação.

Assim sendo, a linguagem diz respeito a qualquer forma de expressão que transmita uma mensagem, seja uma forma verbal ou não verbal, que inclui desde o texto, a dança, as expressões corporais. Inclui inclusive os tipos de linguagem não humana, como a linguagem dos pássaros e o assobio de um golfinho por exemplo. Maturana (2001) escreve que a linguagem se manifesta numa rede de coordenações consensuais de ações realizadas de diferentes maneiras, ou seja, tudo que fazemos, fazemos na linguagem e da linguagem.

## **A semiótica como um caminho de acesso para a cultura**

Sendo por definição a ciência que estuda todos os fenômenos culturais como se fossem signos, a semiótica oferece modelos gerais do signo e dos processos de comunicação e significação para ciências específicas, podendo ser aplicada amplamente em estudos de várias áreas, como a linguística, a biologia, as ciências culturais, o estudo das mídias etc. Essa verificação reforça o entendimento, **RCC, Juara/MT/Brasil, v. 5, n. 1, p. 7-21, maio/ago. 2019, ISSN: 2525-670X** 14





de que dentro dessa ampla possibilidade de abrangência de várias áreas, encontra-se também a cultura, que, por ser um fenômeno de significação e produção de sentido, pode ser analisada através dessa ciência e dos seus meios de representação.

Podemos tomar o mundo como uma grande estrutura semiótica, isso porque conseguimos ler o mundo semioticamente falando. Assim, a cultura pode se apropriar dos signos e da linguagem para instaurar uma leitura semiótica da realidade, uma vez que a realidade sempre se apresenta mediatizada pelos signos.

Entretanto, a intenção aqui não é a de desenvolver uma possível semiótica da cultura, mas buscar, na semiótica, algumas categorias para a observação da cultura, visto que uma boa base semiótica pode possibilitar a instauração de reflexões em um mundo que vive em um constante processo de semiose.

Não é possível entender o mundo sem a semiótica (como uma subespécie da semiótica), do mesmo modo como não é possível entender a cultura como uma subespécie semiótica. A cultura é inseparavelmente ligada à semiótica, visto que todo e qualquer fato cultural se constitui como prática significativa, de representação e de produção de sentido. Para Greimas e Courtés (1979, p. 109), o conceito de cultura, pelo ponto de vista semiótico:

Pode ser considerado coextensivo ao de universo semântico, relativo a uma comunidade sociosemiótica dada. O projeto de uma semiótica da cultura [...] precisa, por conseguinte, convocar o universo semântico – em particular seus dois componentes macrossemióticos que são a língua natural e o mundo natural – e trata-lo como uma semiótica-objeto com vistas a construção de uma metasemiótica chamada “cultura”.

Num sentido mais geral, o que Greimas e Courtés tentam definir, é que a cultura ocupa a mesma extensão que o universo semântico<sup>4</sup>, em especial a língua natural e o mundo natural, para assim buscar a construção de uma semiótica

---

<sup>4</sup> Em semiótica, chamar-se-á de universo semântico a totalidade das significações, postulada como tal anteriormente a sua articulação. Tal universo é dotado de uma existência semiótica, o que exclui todo juízo ontológico e implica, pelo contrário, sua inscrição, enquanto objeto visado, na estrutura que liga o sujeito cognoscente ao objeto de conhecimento [...]. Num sentido mais restrito, universo semântico pode ser definido como conjunto dos sistemas de valores [...]. Sendo impossível empreender, em sua totalidade, a análise do universo semântico enquanto coberto por uma língua natural dada (e, por isso mesmo, coextensivo ao conceito de cultura), o conceito de universo foi substituído, na prática semiótica, pelo microuniverso semântico, considerado como um conceito que engloba e produz uma classe particular de discurso (GREIMAS E COURTÉS, 1979, p.479-480).



científica chamada cultura. Desse modo, com base nessa perspectiva, que a cultura precisa de um universo semântico que envolve a linguagem natural e o mundo natural, pode-se por assim dizer que a cultura também envolve um ambiente sógnico, permeado por signos, e um modo específico de linguagem.

Nöth Santaella (2017) observam que todo fenômeno de cultura pressupõe que é fenômeno de comunicação, e somente há comunicação quando fenômenos se estruturam como linguagem. Como texto sincrético<sup>5</sup>, a cultura se manifesta como linguagem. “Todo e qualquer fato cultural, toda e qualquer atividade ou prática social constituem-se como práticas significantes, isto é, práticas de produção de linguagem e de sentido” (NÖTH, SANTAELLA, 2017, p.18). A cultura é resultado de atos de criação da linguística. Dizer por sua vez, que a cultura resulta de atos de criação linguística significa dizer que ela é criada por meio de atos de linguagem.

Nesse universo de signos, fenômenos e linguagens, pode-se dizer de certa forma que a cultura é um grande texto, envolto por um emaranhado de signos. Tudo nela pode ser lido, a língua falada, as roupas, as comidas, os objetos culturais, as festas, os mitos, ritos e crenças. Tudo faz parte de um sistema de significação. A cultura, em todos os seus aspectos e modos de operar, desempenha um importante papel cognitivo na estruturação das linguagens enquanto leituras sógnicas verbais e não verbais do mundo, envolvendo a relação ativa entre corpo, ambiente e todos os aspectos possíveis da experiência.

Cada linguagem deve ser compreendida de acordo com o contexto em que foi produzida, pois, de acordo com Saussure (2004), os elementos, os signos, que constituem uma língua, não tem qualquer valor absoluto, não fazem sentido se considerados isoladamente. Se consideramos apenas o aspecto material de um signo, seu aspecto gráfico ou fonético, não há nele nada de intrínseco que remete um outro objeto. Para isso é preciso considerar a situação em que esse signo é utilizado, ou seja, o seu contexto. Por exemplo, tanto a palavra vaca quanto uma representação imagética do referido animal têm significados culturais diferentes

---

<sup>5</sup> Num sentido mais amplo, serão consideradas como sincréticas as semióticas que – como a ópera ou o cinema – acionam várias linguagens de manifestação; da mesma forma, a comunicação verbal não é somente de tipo linguístico: inclui igualmente elementos paralinguísticos (como a gestualidade ou a proxêmica), sociolinguística, etc. (GREIMAS E COURTÉS, 1979, p.426).



entre brasileiros e indianos. Do mesmo modo que rãs e escargot são considerados como iguarias nos hábitos culinários franceses, enquanto que em outras países esses pratos exóticos causam repulsa.

O significado pode variar, mesmo quando tanto o símbolo como o referente permanecem inalterados (até mesmo quando apontamos e dizemos “esta casa”, o significado desta expressão pode variar). Essas variações são explicadas pelo fato de o referente, em geral, ter mais de um atributo ou característica. Em contextos diferentes os atributos mais relevantes do referente podem variar em relação aos pontos de vista ou objetivos de quem fala. O significado de uma palavra depende de quem a usa, quando a usa, onde, com que objetivos, em que circunstâncias [...] (EPSTEIN, 1991, p.29).

Isso significa que a percepção de um signo é também pessoal e conforme o ponto de vista que recebe pode variar e remeter significados diversos. O signo não é necessariamente igual para todos, depende também da concepção de mundo de cada um. Diferentes intérpretes vão estabelecer diferentes relações entre o signo e seu objeto, cada qual acrescentando seus valores culturais, sociais e experiências pessoais herdados dos seus antepassados, ou adquiridos em experiências e vivências anteriores. E assim consecutivamente, a pessoa vai acrescentando novas experiências, novos valores aos conhecimentos já estabelecidos.

Nesse sentido, a percepção cultural de um elemento não fica isolada, mas, igualmente, é permeada de significados e varia em diferentes níveis entre grupos sociais e étnicos. Um lugar, uma palavra, um movimento, um objeto, uma informação sempre sofrem alterações, pois sua interpretação depende de seu interprete e de seu contexto de percepção.

As bases da semiótica, as categorias lógicas da Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, contribuem também para se compreender as culturas. Os signos de uma cultura podem desencadear processos interpretativos complexos, na qual aquele que observa um elemento da cultura pode atingir a Terceiridade. Tomamos como exemplo a apreciação de uma dança folclórica típica da cultura alemã. Se o interprete compreender a intenção da dança, analisar o contexto histórico e compreender a ideia que a dança e os dançarinos desejam transmitir, terá alcançado a Terceiridade. Todavia, dependendo da compreensão do interprete, este



pode permanecer apenas no nível da Secundidade, ou ainda no nível da Primeiridade, envolvendo-se num sentimento de surpresa, sem reflexão. Portanto, a compreensão de um signo pelo seu interprete se dá através de um percurso semiótico, em que este pode permanecer tanto no nível da Primeiridade, como aprofundar o seu processo de semiose, alcançando a Terceiridade.

### **Inferências sobre semiótica, educação e cultura**

Do mesmo modo que a cultura pode se apropriar dos signos e da linguagem para instaurar uma leitura semiótica da realidade, a educação, juntamente com a cultura e a semiótica, é capaz de propor uma prática pedagógica como uma prática semiótica. Pelo fato de que a semiótica, a linguística e a lógica são estruturas que emergem no nosso tempo, a possibilidade de construir novas perspectivas pautadas nessas áreas não só é necessária, como também possível. A própria educação é por si só um processo semiótico, ela é signo engatado em signo, como também é ela quem informa a cultura.

Tomando como exemplo novamente as categorias lógicas propostas por Peirce, a educação e a escola caberiam na terceira categoria, na Terceiridade. Contudo, muitas vezes essa relação não passa da ação e da reação dos fatos, quando não permanece apenas nas qualidades de Primeiridade, nos sentimentos sem reflexão, do acaso, do imediato.

O que se percebe com essa análise, é que existe uma quebra da semiose nas relações que envolvem a escola e há também um esvaziamento da palavra e da cultura. Isso ocorre justamente porque há uma crise da inteligibilidade do real. Sem a palavra, não há pensamento, não há compreensão e reflexão das coisas. As pessoas já não ouvem mais as coisas e não apreciam mais as coisas simples da vida que acontecem diariamente, e as crianças já crescem perdendo o sentido dessa apreciação. O nosso corpo recebe todas as informações do mundo externo, mas não para prestar atenção nos sentidos e nos significados das coisas e naquilo que é sentido. Freud diz que há um mal estar da cultura e da educação. Desse modo, as pessoas deveriam, sobretudo:



[...] Princípiar por uma relação dos sentidos com a realidade que se tem ao redor, composta por estímulos visuais, táteis, audiovisuais, olfativos e gustativos. Há um mundo natural e cultural ao redor que precisa ser frequentado com os sentidos atentos, ouvindo-se e vendo-se aquele pássaro, tocando-se este ou outro animal, sentindo-se o perfume de um jardim florido ou mesmo o cheiro da terra revolvida pelo jardineiro, provando-se um prato ainda desconhecido, etc. (DUARTE JR. 2010, p.30).

Não deixando que a sociedade de nossos dias intensifique as características de um mundo rígido, a sociedade contemporânea demanda uma nova forma de ensino aprendizagem. Por esse motivo, parece ser necessário pensar em práticas pedagógicas que sejam embasadas na teoria semiótica, para ajudar a assentar essas questões em uso. A escola não tem que ser o lugar de resposta, mas um lugar de problematização da cultura e da realidade. O signo tem potencial de educabilidade, por isso uma teoria semiótica desencadearia processos que envolvessem habilidades de perceber a realidade, compreendê-la, codificá-la e reelaborá-la. Essa teoria seria, pois, um lugar de reelaboração de procedimentos, de construção de modelos, conciliando o que parece à primeira vista inconciliável.

Essas poucas indagações não são destinadas senão a dar uma ideia geral do encaminhamento semiótico. Poderiam ser talvez as linhas gerais de uma prática pedagógica, que trabalhasse mais com a estética, com a lógica, com abordagens culturais e com as próprias vivências. Que as práticas dos professores mostrem o que pode fazer sentido, através da reflexão sobre o imprevisível, o imponderável, o complexo e o incalculável. Nesse sentido a problemática que fica é: Em que medida, uma teoria semiótica é uma ferramenta possível para a educação? Os professores conseguiriam criar uma apropriação semiótica relacionando a realidade sígnica com as práticas escolares?.

## Reflexões Finais

No desenvolvimento deste artigo, foram levantados alguns conceitos específicos e básicos sobre a semiótica. Uma ciência geral dos signos e da semiose, que estuda todos os fenômenos culturais como sistemas de significação e produção



de sentido. Viu-se que os signos e os fenômenos são intimamente relacionados, de tal modo que todo fenômeno que produza algum sentimento ou uma sensação, pode ser considerado um signo.

Do mesmo modo, signo e linguagem são também conexos entre si. O signo só é possível por meio de um sistema de comunicação, ou seja a linguagem. Esta por sua vez pode se manifestar de forma verbal ou não verbal, que inclui desde o texto, a dança, as expressões corporais. Inclui inclusive os tipos de linguagem não humana, como a linguagem dos pássaros e o assobio de um golfinho por exemplo.

A luz de todos os elementos analisados, com um diálogo entre signo, fenômeno e linguagem, podemos afirmar que somos, de certa forma, governados pelas estruturas da semiótica, a tal ponto que todo nosso cotidiano é permeado por sistemas de significação. A pesquisa mostra que a cultura, enquanto uma estrutura semiótica, se apropria dos elementos da semiótica para instaurar uma leitura da realidade pautada na semiose.

Assim como a cultura, a educação também pode se apropriar dos conceitos dessa ciência para debater questões pertinentes na atualidade. A escola enquanto espaço privilegiado pela multiplicidade de questões que a envolvem, precisa construir novas perspectivas e considerar a possibilidade de problematizar a realidade, compreendê-la, codificá-la e reelaborá-la, embasada na semiótica, na linguística e na lógica. Neste intuito, a intencionalidade é ocasionar esclarecimentos sobre alguns conceitos básicos e específicos que envolvem essa ciência chamada semiótica, bem como indagar e questionar novos pesquisadores e educadores a pensarem sobre a cultura e a educação pelas lentes semióticas.

## Referências

DUARTE JR., João-Francisco. **A montanha e o videogame**: escritos sobre educação. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.



HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MATURANA, Humberto. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lúcia. **Introdução a Semiótica**. São Paulo: Paulus, 2017.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Editora Cultrix, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org); HALL, Stuart; WOODWARD, Kayhryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.